



apresentação

O conceito de poesia romântica, que atualmente corre o mundo e causa tanta polêmica e discórdia, partiu originalmente de mim e de Schiller. [...] Os Schlegel adotaram a ideia, e a desenvolveram, de modo que agora ela se disseminou pelo mundo todo, e todo mundo agora fala em classicismo e romantismo, nos quais ninguém pensava há cinquenta anos. (ECKERMANN, 2016, p. 392)

À primeira vista, as polêmicas e discórdias evocadas por Goethe, versando sobre Romantismo e Classicismo, não têm mais lugar na cena contemporânea. Afora o campo dos especialistas, tem-se por plenamente assente a identidade dos dois contendores, assim como já bem demarcado o seu vencedor. Os românticos teriam ganhado a briga e, ao ganhá-la, fundariam a ideia moderna de literatura. Mas se a ganharam, seria para, logo a seguir, perdê-la para seus herdeiros imediatos, que, recusando a herança, dispuseram seus antecessores em lugar bem próximo àquele que estes haviam outorgado aos clássicos: o de literatura ultrapassada. Há alguma ironia (talvez não exatamente a romântica) no desfecho dessa história. Afinal, uma das armas principais do combate romântico contra o Classicismo é justamente a da atualidade, seu mais perfeito ajuste às formas do tempo e suas demandas específicas. Lembremos Stendhal:

O romantismo é a arte de apresentar aos povos as obras literárias que, no estado atual de seus costumes e de suas crenças, são passíveis de lhes proporcionar o maior

prazer possível. O classicismo, ao contrário, apresenta-lhes a literatura que proporcionava o maior prazer possível a seus bisavós. (STENDHAL, 2008, p. 73)

Convertidos os românticos em nossos bisavós, aos clássicos (qualquer que seja a identidade que se lhes atribua) caberia, no melhor dos cenários, a dimensão de fósseis. E para ambos sobram apenas os “arqueólogos” da literatura, cujo idiossincrático prazer estaria na contramão do estado atual dos costumes e crenças.

Assim seria a história se alguns autores que ainda gozam de “atualidade” não nos indicassem que os restos dessa arqueológica batalha, ao serem escavados, iluminam questões aparentemente obscuras do presente da literatura e nos obrigam a revisar a historieta acima. Que se pense em Jacques Rancière, que, tomando para si o desafio de reconstituir o “sistema de razões” que funda o nosso conceito de literatura, retoma a cena supostamente obsoleta de modo a avaliar o que se perde e o que se ganha quando a implosão de um sistema beletrista substitui um sistema literário, assentado na “palavra eficaz”, pelos tormentos de uma “palavra muda” (RANCIÈRE, 2010). Ou ainda em Thomas Pavel, que em um de seus retornos ao XVII francês e sua estética “estrutural e conscientemente infiel à realidade empírica” (PAVEL, 1996, p. 371), contrapõe esse “suplemento ontológico visível” próprio à ordem de mundo beletrista à “transfiguração da banalidade e sagração do lugar comum”, e ao estreitamento do imaginário próprios à literatura moderna. E radicalizando o olhar para o presente através do cultivo do passado, lembremos João Adolfo Hansen em suas agudezas antianacrônicas, capazes de surpreender a atualidade através de um rigoroso investimento no que já não lemos (e nem sabemos ler) do passado. Afinal de contas, o que quer dizer para nós, hoje, a chamada revolução romântica, que rompeu com os séculos da norma, instável que fosse, clássica, em sua capacidade de organização e de compartilhamento de uma fonte para o imaginário poético? O Romantismo é uma quebra e é o fim da tranquilidade fornecida pela convenção literária. Mas o contemporâneo ainda consegue perceber, em sua genealogia possível, esse momento de virada irreversível?

No artigo que abre este dossiê, “Edmund Burke, um fundador do romantismo”, João Pedro Bellas e Júlio França alargam a demarcação histórica que comumente associamos ao período romântico. Nesse artigo, os autores analisam a fundo a obra do filósofo irlandês *Uma investigação*

filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo, publicada em 1757, e mostram o quanto Burke, a partir de uma teoria própria da linguagem, rompe com a noção mimética do classicismo e abre caminho para uma concepção romântica de poesia, calcada nas paixões e na capacidade criativa da imaginação. A ponte entre o passado e o futuro também é tema de “Por uma filologia do futuro: o que resta da polêmica entre Wilamowitz e o círculo de Nietzsche para os Estudos Clássicos hoje?”, de Rafael Guimarães Tavares Silva e Teodoro Rennó Assunção. Com seu livro de estreia, *O nascimento da tragédia*, Nietzsche encontrou uma via alternativa tanto para a filologia quanto para o estudo da Antiguidade, ao abordar os fenômenos estéticos do passado a partir de um engajamento com o presente, o que causou uma controvérsia prolífica entre ele e seu círculo e Wilamowitz. Segundo apontam Rafael Guimarães Tavares Silva e Teodoro Rennó Assunção, essa polêmica levantou algumas questões caras aos dias de hoje, como a junção entre conhecimento e formação (pesquisa e ensino) no advento da universidade moderna e o quanto o estudo da História interfere crítica e criativamente no presente.

Em “O Romantismo e o verso clássico francês”, Sandra Mara Stroparo, enfrentando o tema da renovação do verso clássico francês empreendida desde o Romantismo, historia o problema a partir (e para além) do quadro oitocentista, oferecendo uma síntese erudita e brilhante da história do verso gaulês, partindo do fio do alexandrino. Roxanne Covelo, em “Baudelaire, ‘cet étrange classique’”, mobiliza a vasta recepção crítica do poeta em alguns de seus momentos paradigmáticos, reconstituindo a tensão, interna e própria a essa obra, entre clássico e moderno. A partir daí, a autora empreende uma releitura dos versos e dos textos críticos baudelairianos, demonstrando como sua obra se costura exatamente no encontro entre uma sólida formação retórico-clássica e a exploração de temáticas e gostos estrangeiros a esse campo, fornecendo assim uma chave de leitura clara e fecunda para a compreensão de sua poesia.

Chegando finalmente às literaturas sul-americanas, o artigo de Cilaine Alves Cunha, “Patriotas, embriagados e outros românticos”, propõe uma revisão do Romantismo brasileiro a partir da ideia de modernidade, e analisa criticamente as classificações em gerações, empreendidas por histórias da literatura tradicionais para o nosso movimento romântico. Já Adriano Lima Drumond, em seu “Clássico e romântico como categorias de compreensão da literatura moderna na crítica de José Guilherme Merquior”, busca examinar o uso das categorias

“clássico” e “romântico” pelo crítico Merquior, que delas se valeu para julgar o valor literário de obras poéticas posteriores aos movimentos em si, atribuindo, de maneira anacrônica, características universais e avaliativas a cada categoria. Já Raquel Alves Mota apresenta uma leitura da violência na literatura argentina oitocentista através do exame de *El matadero*, de Echeverría, destacando a violência e a brutalidade como aspectos visíveis da construção de uma identidade nacional e sul-americana: o “pitoresco” é aqui transmutado em violência e em literatura.

Por fim, em rápida entrevista, João Adolfo Hansen não perdoa as nossas leituras enquadradas por modos de ver e ler que seriam cômodos, mas desnecessários ao entendimento e fruição das letras – sejam elas em âmbito clássico ou romântico.

Questões pontuais e apenas ilustrativas do convite que aqui se faz aos amantes de literaturas inatuais, estejam elas conformadas nas doutrinas clássicas ou nas batalhas românticas, para que, ao ler os textos deste dossiê, atestem o muito de surpresa que ainda guarda esse passado.

Na composição da seção “Varia” deste número, contamos com quatro artigos que mantêm o caráter de diversidade temática da revista. Em “*Der Fremde* de Karl Adolf von Wachsmann y los tópicos del vampirismo”, Javier Muñoz-Acebes discute a narração de temática vampírica a partir da qual são introduzidos elementos característicos do vampiro literário em outros textos, como, a título de exemplo, o *Dracula* de Bram Stoker. Em seu texto “Análise estilística e versão comentada do conto *Adão e Eva*, de Machado de Assis”, Larissa Daroda e Carolina Alves Magaldi realizam uma leitura estilística comparativa do conto de Machado e de uma tradução para a língua inglesa, feita em 2018 por Costa e Patterson, propondo uma nova versão do conto para o inglês, seguida de comentários acerca do processo tradutório. Em seguida, Luis Marcio Arnaut de Toledo, em “A figuração ambígua e indefinida da identidade sexual na obra de Tennessee Williams”, analisa nove peças da carreira de dramaturgo estadunidense nas quais a figuração da identidade sexual dos personagens não é precisa, apontando comportamentos que apresentam descompasso com as convenções de masculinidade e feminilidade cerceadas pela cultura e tradição. Por sua vez, em “‘Lembranças fragmentárias’ da cultura francesa em *Bau de Ossos*”, Maria Alice Ribeiro Gabriel, a partir do texto de Pedro Nava, realiza uma análise relacionada à cultura francesa sob perspectiva histórica e literária, com base no registro de usos e comportamentos sociais. A autora examina

como o escritor explora recursos arquivísticos e composicionais para realizar a reconstrução da última década da vida de seu avô, durante o processo de europeização do Brasil. Para o encerramento deste número, Diego Gomes do Valle apresenta a resenha da obra *Um antídoto contra a solidão*, livro de entrevistas organizado por Stephen J. Burn, publicado pela Editora Âyiné, em 2021.

Em nome da equipe da *Aletria*, agradecemos aos autores e às autoras, bem como aos pareceristas, que primam pela consolidação do trabalho que a revista vem realizando para os estudos literários.

Que seja uma boa e proveitosa leitura.

Andréa Sirihal Werkema

Daniel Lago Monteiro

Maria Juliana Gambogi Teixeira

Marcos Antônio Alexandre

Referências

ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida. 1823-1832*. Trad. Mário Luiz Frungillo. São Paulo: Ed. UNESP, 2016.

HANSEN, João Adolfo. *Agudezas seiscentistas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *La parole muette: essai sur les contradictions de la littérature*. Paris: Fayard, 2010.

STENDHAL. *Racine e Shakespeare*. Trad. Leila de Aguiar Costa. São Paulo: Edusp, 2008.

PAVEL, Thomas. *L'art de l'éloignement: essai sur l'imagination classique*. Paris: Gallimard, 1996.